

## **A EXPERIÊNCIA E O PERSONAGEM ESTUDANTE DE CHINÊS EM REPRODUÇÃO DE BERNARDO CARVALHO**

**ADRIANO BELMUDES ANTUNES<sup>1</sup>; AULUS MANDAGARÁ MARTINS<sup>2</sup> -**

**Orientador**

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – recuperandoadriano@msn.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – aulus.mm@gmail.com

### **1. INTRODUÇÃO**

Este trabalho tem como objetivo analisar o personagem estudante de chinês do livro *Reprodução* de Bernardo Carvalho, problematizando o conceito de experiência, bem como a relação da identidade do personagem como um produto da sociedade contemporânea.

O romance de Bernardo Carvalho intitulado *Reprodução*, publicado em 2013 pela Companhia das Letras, retrata um aspecto da vida e da sociedade contemporânea. Mediante a colocação em cena de um personagem, o estudante de chinês, que, para demonstrar que é suficientemente conhecedor de todos e quaisquer assuntos, cita de forma acrítica todas as informações que dispõe, informações estas adquiridas via internet e reproduzidas na rede sem nenhuma mediação, comparação ou investigação mais aprofundada.

Nossa proposta aqui é analisar o personagem central, o estudante de chinês, sob algumas questões teóricas no tocante ao conceito de experiência propostas por (BONDÍA, 2002), (SCOTT, 1998) e (BENJAMIN, 1985).

Tais teóricos ao analisar a questão da experiência podem instrumentalizar uma discussão que permitam dentro dos marcos de estudo da Literatura Comparada uma melhor compreensão desta obra de Bernardo Carvalho, bem como uma melhor compreensão do papel deste personagem entendido como um elemento representativo cada vez mais comum na contemporaneidade.

### **2. METODOLOGIA**

Partindo dos textos que analisam as definições do conceito de experiência, bem como a aplicabilidade deste conceito sobre o objeto de estudo e as relações da experiência com o sujeito e a sociedade, procurei estudar como o personagem criado por Bernardo Carvalho expressa seus pontos de vista, e ao fazê-lo reproduz algumas ideias e preconceitos existentes na sociedade atual.

Se uma característica possível para definir um sujeito é sua capacidade de narrar, de formular enunciados partindo de sua experiência, o que temos é um personagem que não tem experiência, mas mesmo assim formula um discurso sendo assim reconhecido por outros sujeitos igualmente sem experiência. Esta falta de experiência é uma característica da sociedade contemporânea já apontada anteriormente por Walter Benjamin.

Diante deste quadro procuramos analisar seu discurso e sua constituição enquanto sujeito pela conceituação teórica do que é experiência e do papel dela na relação estabelecida entre o sujeito e a sociedade.

Para compreender a sociedade atual como sociedade de informação utilizamos os conceitos de Manuel Castells (CASTELLS, 2010) e para contextualizarmos a questão de identidade fragmentada e até certo ponto contraditória do personagem utilizamos os conceitos de Stuart Hall (HALL, 2002).

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Admitindo como hipótese que um conceito sobre qualquer coisa pode ser formado após o sujeito haver tido/passado/sentido uma experiência, refletido sobre ela e tentar reconstituir linguisticamente para reproduzir uma narrativa sobre um evento qualquer, o estudante de chinês está e permanecerá num nível anterior, num nível pré. Nível de pré-conceitos, pré-experiência ou nível da mera informação.

A sociedade contemporânea já foi definida como uma sociedade de informação (CASTELLS, 2000), tais informações circulam em velocidade vertiginosa. Esse verdadeiro bombardeio de informações em cima do sujeito é canalizado para a anulação da experiência, e tem também, como contrapartida, tornar o sujeito “capaz” de passar adiante estas informações sempre que necessário igualmente de forma rápida e igualmente de forma pouco crítica ou conectada com uma realidade conjuntural mais ampla, de modo a estabelecer nexos causais entre os fenômenos sobre os quais o sujeito emite sua opinião.

O personagem central de Bernardo de Carvalho em *Reprodução* é a própria síntese de um modelo de comportamento que por não ser detentor da experiência no sentido analisado por BONDIA, fica como um papagaio repetindo frases feitas de outras pessoas. E é aqui que o modelo de experiência seguido de uma narrativa dotada de significado se perde, justamente por faltar o elemento experiência. O personagem, o estudante de chinês, perde o poder de transmitir, de enunciar uma narrativa, justamente por não ter experiências e permanecer no nível mais básico repetindo chavões e clichês.

O fator tempo, que é sempre curto para os padrões atuais da nossa sociedade, dificulta e diminui as possibilidades da experiência. A rapidez com que as coisas acontecem dificulta ainda mais o processo de armazenagem na memória sua posterior maturação/elaboração e a consequente transmissão dessa experiência sob a forma de um relato. Se isso acontece no plano individual, também no plano literário esta velocidade já era sentida por BENJAMIN quando dizia que informar com velocidade, dispensando explicações era uma característica do romance moderno.

A soma da tecnologia empregada para difusão da informação, a centralidade no individual e a falta de experiência fazem com que os enunciados proferidos pelo estudante de chinês sejam socialmente aceitos, porque ele está bem situado no esquema informação-sujeito-emissão de opinião.

Estas supostas opiniões próprias, esta necessidade de autoafirmação como sujeito capaz de pensar por si mesmo, servem para mascarar o fato que o estudante de chinês é apenas um reprodutor, mais um repetidor de um eco transmitindo valores, ideias e preconceitos forjados não se sabe bem onde, mas cujo conteúdo tem um objetivo definido, já que se trata de conceitos que servem para difusão ideológica de valores de determinados grupos sociais.

Uma narrativa segundo BENJAMIN também deve ter uma dimensão utilitária, na medida em que um homem pode aconselhar outro baseado em suas experiências. “Mas, se ‘dar conselhos’ parece hoje algo antiquado, é porque as experiências estão deixando de ser comunicáveis” (BENJAMIN, 1985, p.198). Neste ponto, o personagem estudante de chinês, aparece como uma antítese da transmissibilidade de uma narrativa. Como não possui em si nada mais que informações acumuladas, é impossível para ele, reconstituir uma narrativa coesa e socialmente válida, como fator de transmissão de um conhecimento para a sociedade.

O contraste entre os relatos/experiência como função social no passado e na atualidade é gigantesco. Os relatos em seus primórdios serviam para a transmissão de uma experiência ou tradição para um círculo social mais amplo ou como forma de transmissão de um conhecimento de uma geração para outra (BENJAMIN, 1985). Levando aqui em conta a definição de experiência de BONDIA como sendo aquilo “que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (BONDIA, 2002, p.21), ora numa sociedade que o sujeito é bombardeado por informações é natural que a experiência seja cada vez mais rara e rarefeita justamente por excesso de opinião, opiniões esta que buscamos expressar sempre, talvez como uma válvula de escape diante do bombardeio que sofremos.

O estudante de chinês preso dentro desta dinâmica reproduz conceitos cuja autoria ou origem é difícil de precisar com exatidão, muito embora, como já dissemos, permaneça latente o conteúdo de classe em muito do que o personagem enuncia evidenciando o caráter ainda mais vertiginoso e perverso desta reprodução. Desta forma, para justificar suas opiniões e o uso das informações que dispõe e emite acaba por endossar uma opinião/informação que não é sua e acentuar a posição de saber dominante do emissor da mesma.

Ao apagar o sujeito como portador de uma experiência temos a formação de um sujeito informado mero reprodutor de informações. Fazendo com que o personagem estudante de chinês se torne um exemplo típico da contemporaneidade porque já se libertou de toda a experiência no sentido proposto por BENJAMIN, e não possui nenhuma das características formuladas por BONDIA para se tornar um sujeito apto para aquisição de experiência.

#### **4. CONCLUSÃO**

Procurei mediante o uso dos textos teóricos fazer uma análise do papel da experiência dentro do desenvolvimento da ciência e da constituição dos sujeitos por meios discursivos e o débil papel que desempenha a experiência em nossa sociedade submersa e até anulada pela quantidade de informações circulantes na sociedade atual. Com isso em mente focalizamos o personagem estudante de chinês, personagem representativo do momento que vivemos, cheio de informações e incapaz de formular uma ideia original, ou de criticar as informações recebidas.

Foi objeto deste trabalho investigar como o personagem estudante de chinês mesmo sendo incapaz de empreender uma narrativa que reflita uma experiência, já que não possui, e muito menos ressignificar seu papel social no mundo; é ainda assim um sujeito, sendo reconhecido como tal por outros indivíduos na mesma condição, ou seja, como mero reprodutor de opiniões e preconceitos circulantes na contemporaneidade.

É um personagem típico da contemporaneidade porque reproduz não somente os pensamentos e as informações circulantes, mas referenda a palavra já escrita ou pronunciada anteriormente por algum articulista, comentarista, apresentador de TV, pastor radiofônico ou televisivo, blog, etc. Sua incapacidade de narrar, de enunciar um discurso socialmente válido não impede que possa ser classificado como um sujeito, já que seus problemáticos enunciados são cada vez mais reconhecidos e difundidos em virtude da falta de experiência que afeta toda a sociedade contemporânea.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n.19, p.20-28, 2002.
- CARVALHO, Bernardo. **Reprodução**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 4ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- SCOTT, Joan W. A invisibilidade da experiência. **Projeto História**, São Paulo, n.16, p.297-325, 1998.